



Foto: Com Soc / 15° R C Mec

A IMPLANTAÇÃO DA VBMT – LSR NO ROL DA TROPA BLINDADA NACIONAL E SEUS IMPACTOS PARA A CAVALARIA MECANIZADA

Cap Anderson Medeiros Demutti

1. INTRODUÇÃO

O Exército Brasileiro (EB) vem desenvolvendo diversos programas estratégicos com a finalidade de aumentar suas capacidades operacionais. Por meio do Escritório de Projetos do Exército (EPEx), todos esses programas estão organizados dentro de um Portfólio Estratégico subdividido em Dimensão Humana, Defesa da Sociedade e Geração de Força. Dentre outros programas inseridos no subportfólio “Defesa da Sociedade”, encontra-se o Programa Guarani, cujo foco principal é a transfor-

mação das Organizações Militares (OM) de Infantaria Motorizada em Mecanizadas (Inf Mec), além de modernizar as OM de Cavalaria Mecanizada (C Mec). Para tanto, fez-se imperativa a concepção de novas plataformas mecanizadas, denominadas Nova Família de Blindados Sobre Rodas (NFBSR), possuindo inicialmente, como “carro-chefe” do programa e dando nome ao mesmo, a Viatura Blindada de Transporte de Pessoal Média sobre Rodas Guarani (VBTP-MSR 6x6 Guarani).

No que concerne ao Programa Guarani, após todo o processo de fabricação e implantação da VBTP-MSR 6x6 Guarani nas tropas mecanizadas do EB, ainda em fase final de execução, outra importante etapa foi iniciada. Etapa esta que diz respeito a fabricação e/ou nacionalização de uma viatura blindada leve para compor as tropas dessa natureza. Tal como a VBTP Guarani, a VBMT-LSR (Viatura Blindada Multitarefa Leve Sobre Rodas), viatura leve escolhida pelo EB, é oriunda da parceria com a empresa Iveco Latin America LTDA.

Dessa forma, tomando-se como um dos objetivos do Programa Guarani – a modernização da tropa C Mec – torna-se imperativo ressaltar que todas as mudanças advindas deste, vêm para aumentar sobremaneira as capacidades da tropa C Mec, provendo-lhe meios de emprego modernos e atuais. Tudo isso suprimindo antigas defasagens de suas frações frente às características do emprego atual das frações mecanizadas pelo mundo.

2. A VIATURA BLINDADA MULTITAREFA – LEVE SOBRE RODAS

2.1 HISTÓRICO E CHEGADA AO BRASIL

No início do século XXI, o Exército Italiano em parceria, principalmente, com a indústria de Defesa local, apresentou uma nova plataforma blindada que fora concebida visando diminuir revezes e mitigar baixas que os membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte, (OTAN) vinham enfrentando nos conflitos recentes, buscando, assim, atender as especificidades que fazem das tropas leves ferramentas eficazes nas operações.

A nova plataforma blindada leve foi denominada VTLM LINCE (VTLM - *Veicolo Tattico Leggero Multi-ruolo*, em italiano e LMV – *Light Multirole Vehicle*, em inglês). O advento desta viatura foi bem explicitado em artigo escrito pelo Cel Cav Peixoto, que diz:

A VTLM LINCE foi concebida como um MEM capaz de ampliar a capacidade operacional das tropas mecanizadas e leves, permitindo multivalência das estruturas de combate e apoio ao combate em

ações que exijam adaptabilidade, fluidez e mobilidade tática, seja para o emprego convencional ou contra ameaças assimétricas.

Tem sido uma das plataformas de uso comum por tropas da União Europeia (EU) em missões no exterior sob a égide da OTAN e da Organização das Nações Unidas (ONU) na última década. As possibilidades de emprego do LINCE em inúmeros contextos, considerando cenários operacionais multifacetados, tem induzido à dotação prioritária do MEM por tropas mecanizadas. (PEIXOTO, 2018).

Como já fora abordado, no âmbito do Exército Brasileiro, a aquisição e/ou desenvolvimento de uma viatura com a natureza e as características da VTLM LINCE estava contemplada dentro do Programa Guarani. Porém, em virtude de uma conjuntura nacional de momento, que foi a Intervenção Federal¹ decretada no estado do Rio de Janeiro, em fevereiro 2018, e seus desdobramentos, uma compra de oportunidade foi realizada.

Desta feita, o EB adquiriu 16 (dezesesseis) unidades da viatura, atualmente chamada de Viatura Blindada Multitarefa Leve sobre Rodas (VBMT – LSR) na sua versão K2, de mesmo modelo em uso pelo Exército Italiano. Tudo isso, por haver a necessidade de emprego imediato desse MEM a fim de suprir às demandas daquele contexto de intervenção. (figura 01).

Contudo, cabe a ressalva de que as etapas do Programa Guarani vêm sendo cumpridas e as assinaturas dos contratos de compra, bem como de nacionalização da VBMT, estão sendo feitas de acordo com as prioridades desse PEE.



Figura 1: VBMT - LSR em Op no contexto da Intervenção Federal. Fonte: www.tecnodefesa.com.br.

¹ Conforme Decreto Presidencial nº 9.288, de 16 fev 18, e Diário Oficial da União do mesmo dia.

2.2 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA VBMT-LSR

Em uma análise sucinta da viatura, é possível verificar seu alinhamento com as necessidades mais prementes dos cenários de conflitos atuais. Para que apresente um bom desempenho nas operações que lhe exigem rapidez, fugacidade e maneabilidade, a VBMT – LSR foi concebida com algumas características especiais e adaptações específicas para sua natureza “leve”.

Sua robustez mecânica, necessária às ações em combate, vem de seu motor 3.0 turbo-diesel (versão militarizada), semelhante ao do utilitário IVECO Daily, que permite atingir até 195 HP. Corroborando com a potência, a tração integral 4WD, com bloqueio do diferencial, é proveniente de sua transmissão automática ZF com versões de 6 ou 8 velocidades.

A adaptabilidade às diversas operações é fruto, também, de características embutidas propositalmente na LINCE desde o início do projeto. Foram pensadas algumas medidas passivas para reduzir as assinaturas térmica (ex: sistema de exaustão), acústica (ex: motor) e visuais (ex: baixa silhueta).

A VBMT possui, também, diversos itens de segurança que atraem seus usuários como, por exemplo, um sistema de freios moderno e adaptado às condições de adversidade, um sistema de suspensão rígido e independente, ou seja, transferindo menos impacto aos tripulantes. Além disso, seus cintos de segurança e seus bancos suspensos e anatômicos protegem a tropa em caso de explosão ou capotamento.

Ainda no quesito segurança, o item que mais merece destaque, talvez por possuir um ineditismo na frota nacional, é a blindagem. Esta segue o que é estabelecido pelos padrões STANAG 4569², enquadrando até seu nível 3 (projétil 7,62x51mm a 30 metros com velocidade de 930 m/s), além de uma proteção inferior contra artefatos explosivos improvisados (comumente chamados de IED) de até 8,0 kg de explosivos em uma das rodas.

Assim, seu chassi modular, capaz de receber diferentes kits de blindagem, possui uma célula de proteção para os tripulantes, seja contra disparos multidirecionais e de diferentes calibres, seja contra artefatos subterrâneos ou IED.

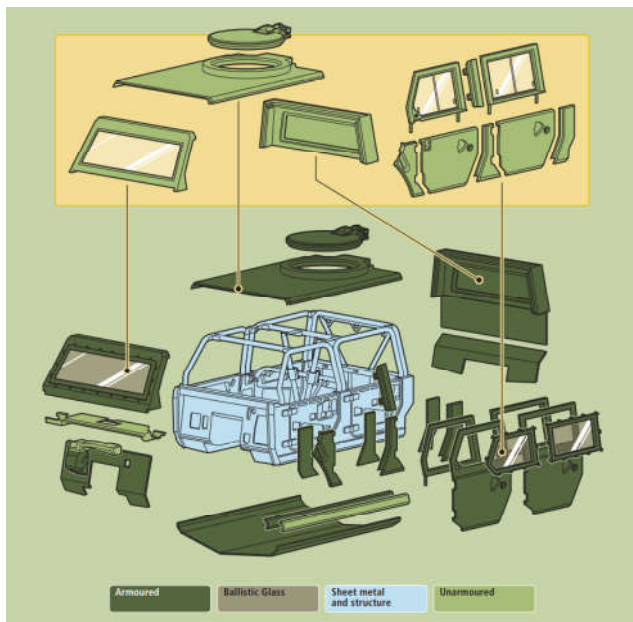


Figura 2: Blindagem modular da VBMT - LSR.
Fonte: www.forte.jor.br



Figura 3: Célula de sobrevivência da VBMT - LSR.
Fonte: www.forte.jor.br

Por fim, a compilação de todas essas características elencadas, principalmente a modularidade, confere a VBMT uma grande capacidade de adaptação a novos equipamentos e armamentos. Dentre os exemplos mais relevantes estão: a instalação de estações de armas remotamente controladas (reparos automatizados), de “torretas” blindadas, de equipamentos de comunicação nos diversos níveis e de radares modulares fixados à viatura.

² Padrão adotado pela OTAN, referente aos níveis de blindagem. É a sigla para Standardization Agreement.

2.3 O PELOTÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

Enquadrado na composição de meios de um Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Esqcd C Mec), o Pel C Mec constitui-se em uma fração possuidora de grande flexibilidade e adaptabilidade por conta dos diferentes meios que possui. Do Caderno de Instrução específico deste pelotão, pode-se extrair, algumas das principais definições da fração como:

- a. O Pelotão de Cavalaria Mecanizado é a unidade básica das forças mecanizadas, constituindo a peça de manobra do Esquadrão de Cavalaria Mecanizado. O Pel C Mec é constituído por cinco grupos: Grupo de Exploradores, Grupo de Comando, Grupo de Combate, Seção VBR e Peça de Apoio.
- b. É empregado, normalmente, obedecendo-se à sua constituição original. Porém, no âmbito do Esqcd C Mec, os Pel C Mec podem ser desmembrados, dando origem a pelotões de constituição provisória. Tais pelotões são formados pelo agrupamento das frações de mesma natureza, a saber:
 - 1) Pel VBR – junção das Seções VBR;
 - 2) Pel Fuz – junção dos GC;
 - 3) Pel Exp – junção dos G Exp;
 - 4) Pel Mrt – junção das peças de Mrt Md; e
 - 5) Pel Ap – junção das peças de Mrt Md e das peças de Mtr MAG dos G Exp.
- c. Este pelotão possui grande flexibilidade, tendo em vista a variada gama de viaturas e armamentos de que dispõe. (BRASIL, 2006, p. 1-1).

Traduzindo essa definição do Pel C Mec em características da fração, pode-se elencar como as principais: Mobilidade, Potência de Fogo, Proteção Blindada, Ação de Choque, Sistema de comunicações amplo e flexível, e Flexibilidade. Todas elas bem definidas no referido Caderno de Instrução e resumindo, conseqüentemente, as características de toda tropa C Mec.

A organização do Pel C Mec, na sua forma básica de emprego, dispõe seus meios por natureza e capacidades, de modo a se atingir a máxima eficiência nas ações. O organograma (figura 04) do pelotão define, de forma simples, sua composição e a distribuição das frações (figura 05) demonstra sua versalidade quanto aos ramos existentes.

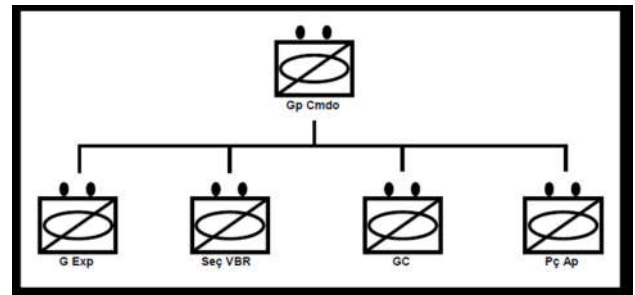


Figura 4: Organograma do Pel C Mec. Fonte: CI 2-36 – O Pel C Mec (2006).

FRAÇÕES	COMPOSIÇÕES	VIATURAS	MATERIAL PRINCIPAL
Gp Cmdo	Cmt Pel Sd Exp/Motr Sd R Op		01 Mtr 7,62mm (MAG) Rádio veicular nível SU/Pel
1ª Pa G Exp	3º Sgt Cmt G Exp Sd Atdr Sd Exp/Motr		01 Mtr 7,62mm (MAG) Rádio veicular nível Pelotão
	Sd Exp Sd Atdr Sd Exp/Motr		01 L Gr Rádio veicular nível Pelotão
2ª Pa G Exp	Cb Aux Sd Atdr Sd Exp/Motr		01 Mtr 7,62mm (MAG) Rádio veicular nível Pelotão
	Sd Exp Sd Atdr Sd Exp/Motr		01 L Gr Rádio veicular nível Pelotão
Seç VBR	2º Sgt Adj/Cmt Seç Cb Atdr Cb Motr VBR		01 Mtr 7,62mm (MAG-Coaxial) 01 Mtr 7,62mm(MAG AA6) 01 Can 90 mm Rádio veicular nível Pelotão
	3º Sgt Cmt VBR Cb Atdr Cb Motr VBR		01 Mtr 7,62mm (MAG-Coaxial) 01 Mtr 7,62mm(MAG AA6) 01 Can 90 mm Rádio veicular nível Pelotão
GC	3º Sgt Cmt GC Cb Motr VBTP Sd Atdr Mtr .50		01 Mtr .50 02 L Røj AT-4 Rádio veicular nível Pelotão
	Cb Aux (Cmt 1ª Esq) Sd Atdr Sd Fuz (R Op) Sd Fuz (Atdr L Røj)		
	Cb Aux (Cmt 2ª Esq) Sd Atdr Sd Fuz (granadeiro) Sd Fuz (Atdr L Røj)		
Pç Ap	3º Sgt Cmt Pç Sd Motr/Mun Cb Atdr Sd Aux Atdr Sd Mun		01 Mtr .50 01 Mrt Md (81 mm) Rádio veicular nível Pelotão

Figura 5: Organização do Pel C Mec. Fonte: CI 2-36 – O Pel C Mec (2006).

Dentro desta composição original, o Pel C Mec já sofreu duas adaptações em relação a figura 05, em virtude da disponibilidade de seus meios. A primeira dá-se pelas viaturas do Grupo de Comando (G Cmdo) e do Grupo de Exploradores (G Exp), que atualmente são Viatura Tática Leve Marruá AM-11 VTL – Rec. Por sua vez, a segunda mudança, já no escopo do Programa Guarani, está sendo a inserção da VBTP – MSR 6x6 Guarani como viatura do Grupo de Combate (GC) e da Peça de Apoio (Pç Ap). (figura 06).

A VBTP Guarani, somou-se ao Pel C Mec como uma nova plataforma de combate, dotada de tecnologia de ponta, blindagem moderna, meios optrônicos atuais e uma gama de possibilidades de adaptação de arma-

A IMPLANTAÇÃO DA VBMT – LSR NO ROL DA TROPA BLINDADA








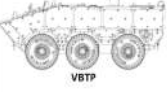

FRAÇÃO	COMPOSIÇÃO	VEÍCULO	ARMAMENTO
Gp Cmndo	Cmt Pel Sd Exp/Motr Sd R Op	 VTL Rec	Uma metralhadora 7,62 mm
1ª Pa G Exp	3º Sgt Cmt G Exp Sd At Sd Exp/Motr	 VTL Rec	Uma metralhadora 7,62 mm
	Sd Exp Sd At Sd Exp/Motr	 VTL Rec	Um lança-granadas
2ª Pa G Exp	Cb Aux Sd At Sd Exp/Motr	 VTL Rec	Uma metralhadora 7,62 mm
	Sd Exp Sd At Sd Exp/Motr	 VTL Rec	Um lança-granadas
Seç VBR	2º Sgt Adj/Cmt Seç Cb At Cb Motr VBR	 VBR (M)	Uma metralhadora 7,62 mm (coaxial), uma metralhadora 7,62 mm (torre), um canhão de 90 mm
	3º Sgt Cmt VBR Cb At Cb Motr VBR	 VBR (M)	Uma metralhadora 7,62 mm (coaxial), uma metralhadora 7,62 mm (torre), um canhão de 90 mm
GC	3º Sgt Cmt GC Cb Motr VBTP Sd At Mtr .50	 VBTP	Uma metralhadora 12,7 mm ou 7,62 mm (torre), um lança-rojão AT-4
	Cb Aux (Cmt 1ª Esq) Sd At Sd Fuz (R Op) Sd Fuz (AT L R J)		
	Cb Aux (Cmt 2ª Esq) Sd At Sd Fuz (granadeiro) Sd Fuz (AT L R J)		
Pç Ap	3º Sgt Cmt G Pç Sd Motr/Mun Cb At Sd Aux At Sd Mun		Uma metralhadora 12,7 mm ou 7,62 mm (ex: PLATT) e um morteiro 81 mm

Figura 6: Organização Atual.

Fonte: www.forte-jor.br e editada pelo autor.

mentos. Além disso, impôs uma nova mentalidade de capacitação de recursos humanos (operadores) e de manutenção preventiva que, até então, encontravam-se adormecidas no seio da tropa mecanizada.

É mister ressaltar que tais mudanças vêm influenciando sobremaneira as capacidades, o moral, o nível de prontidão e, principalmente, o quesito “operacionalidade da tropa”, onde é nítida a percepção de melhoria de eficiência na execução das diversas missões impostas e em distintos tipos de operações realizadas nos adestramentos.

2.3.1 O Grupo de Exploradores

Nos diversos cenários e missões em que há o emprego do Pel C Mec, mesmo que inserido no contexto de um Esqd C Mec, por diversas vezes essa tropa necessita de mobilidade e rapidez nas ações. Desta forma, dotado de viaturas mais leves e rápidas, o G Exp configura-se como a fração mais apta a proporcionar a fugacidade

necessária ao seu pelotão, sendo descrito no Caderno de Instrução como:

(...) apto a executar ações de reconhecimento a pé ou embarcado, prover segurança nos flancos, realizar golpes de sonda, atuar como seção de metralhadoras em base de fogos, realizar o ataque a pé como GC e desempenhar diversas funções especiais, como mensageiro e elemento de ligação. (BRASIL, 2006, p. 1-4).

Atualmente, a tropa C Mec dispõe, quase que em sua totalidade, da viatura Agrale Marruá, com distintos modelos, para compor suas frações. O modelo destinado ao G Exp é denominado Marruá AM 11 VTL – Rec, um veículo utilitário que foi adaptado às necessidades desta fração dentro das possibilidades do EB à época de sua aquisição, mas que ainda não proporciona um desenvolvimento completo das capacidades deste grupo no contexto das operações.

Cabe ressaltar que, além da adoção da VTL Marruá como plataforma de combate, outros meios importantes e modernos no âmbito do Programa SISFRON foram disponibilizados ao G Exp. Os que merecem maior destaque são a câmera TVP (*Tactical Video Processor*) com transmissão de dados e imagens, Monóculo de Visão Noturna AEL Loris e o Binóculo Termal AEL CORAL-CR. Além disso, as VTL foram equipadas com computadores portáteis robustecidos (*ToughBook*) integrados às ferramentas de consciência situacional em todos os níveis.

2.4 A IMPLANTAÇÃO DA VBMT – LSR NO G EXP

O Pel C Mec, devido seus diversos meios, caracteriza-se por ser um sistema multifuncional e uma ferramenta de guerra complexa de ser gerenciada. Porém, com o treinamento de técnicas, táticas e procedimentos bem arraigado nas frações e com suas condutas em combate bem definidas, torna-se uma peça de manobra muito eficaz nos diversos cenários modernos.

Neste contexto, quando se trata das operações de Reconhecimento e Segurança é a fração fundamental do pelotão. Comumente denominado “olhos e ouvidos” do Cmt Pel, este grupo, normalmente, lidera o movimento e toma a iniciativa das ações buscando sempre o contato com o inimigo e, assim, ditando o ritmo da manobra.

Contudo, quando do emprego real ou da prática controlada, na qual são simuladas diversas situações de combate, os integrantes do G Exp encontram dificuldades e/ou deficiências para o correto cumprimento de suas missões doutrinárias. Por vezes, este grupo tem suas ações restringidas por incapacidade de movimento, alcance útil de seu armamento ou pela pouca capacidade de observação, o que prejudica sua mobilidade e aumenta o risco de ser destruído.

A falta de proteção blindada, porém, configura-se no maior óbice da fração. Sua ausência causa baixas significativas quando há contato fortuito com o inimigo, diminuindo sobremaneira a impulsão do combate do pelotão e/ou esquadrão ao qual atua em proveito.

Desta forma, a chegada da VBMT enseja uma mudança de pensamento significativa para a tropa de natureza mecanizada. Por ser uma plataforma de combate inédita na frota brasileira, diversas adequações poderão ser propostas a partir desse momento, tanto doutrinariamente, quanto técnica e taticamente.

2.4.1 Possibilidades para o G Exp

Nesse momento, cabe abordar as possibilidades advindas da implantação da VBMT-LSR. No G Exp será feita uma análise dos impactos imediatos dentro de algumas das características do Pel C Mec já elencadas anteriormente.

Potência de Fogo: tem sua capacidade mensurada pelo efeito do armamento orgânico da fração avaliada. No caso do G Exp, já adaptado à VBMT, surgem duas opções de armamento principal para compor esta fração. Tanto pode-se manter o calibre atual de 7,62 mm, quanto aumentar o poder de destruição com o calibre 12,7 mm (.50). Ambos, facilmente adaptados a dois tipos de “torretas” já utilizadas na VBTP Guarani.

A primeira hipótese e menos custosa ao EB é a torre PLATT³ que, por não ser automatizada, é de fácil adaptação à viatura e manuseio pelo atirador. Apesar de possuir relativa proteção blindada, apresenta a desvantagem da necessidade de exposição deste atirador ao empregar o armamento.

³ Torre modelo ALLAN-PLATT MR 550 importada da Austrália.

⁴ Reparo para Metralhadora Automatizada X (REMAX), da empresa ARES, consiste em uma estação de armas remotamente controlada giro-estabilizada para metralhadoras 12,7 mm e 7,62 mm.



Figura 07: Torre PLATT instalada em Vtr Bld.
Fonte: CCOMSEx.

A segunda opção, envolvendo mais tecnologia e agregando maiores capacidades ao G Exp é o uso do REMAX⁴. Além de comportar os calibres já citados e suas vantagens essa estação possui câmeras diurna e termal com campos de visão largo e estreito e zoom óptico, além de um telêmetro laser com alcance de até 5000m.



Figura 8: REMAX instalado na VBTP Guarani.
Fonte: CCOMSEx.

Já em fase de adaptação à VBMT, a REMAX correspondeu às expectativas durante o tiro realizado para os testes de engenharia de integração entre os referidos sistemas sob coordenação da Diretoria de Fabricação (DF) do Exército, além da participação das empresas ARES e IVECO.



Figura 9: VBMT com REMAX.
Fonte: CCOMSEx.

Proteção Blindada: oriunda do grau relativo de blindagem que as viaturas da fração possuem, é uma característica indispensável à tropa C Mec. No caso do G Exp, com o advento da VBMT – LSR, surge a possibilidade de uma mudança singular em sua forma de atuação e um aumento significativo da capacidade de sobrevivência da tropa embarcada, como já citado anteriormente (item 2.2).



Figura 10: Blindagem multidirecional da LINCE.
Fonte: www.forte.jor.br e editada pelo autor.

Comparando as vulnerabilidades atuais do G Exp quanto à falta de blindagem das VTL Marruá, per-

cebe-se que as vantagens, expressas na figura 10, trazidas pela VBMT até o momento são inúmeras e inéditas. Essa fração poderá realizar seus “lanços” com mais rapidez, explorando os compartimentos do terreno com mais segurança, não havendo exposição desnecessária e recorrente da tropa às ameaças de pequeno potencial ofensivo e armamentos de calibres menores. Tudo isso, colaborando com o aumento da mobilidade e da fugacidade, tão caras ao G Exp, e que o torna tão indispensável ao pelotão.

Sistema de Comunicações Amplo e Flexível: somente será assegurado quando, pela qualidade e quantidade de seus meios, puder proporcionar, com segurança, uma rápida e oportuna transmissão dos dados e mensagens no âmbito do pelotão e para o escalão superior. A VBMT – LSR comporta a instalação de uma gama de equipamentos rádio e de outras tecnologias a exemplo do que está sendo aplicado no Programa SISFRON, também citado anteriormente.

Nesta seara, pode-se destacar a possibilidade de utilização do sistema de Comando e Controle (C²) já utilizado na VBTP Guarani, onde o software GCB (Gerenciador do Campo de Batalha), aliado ao Equipamento rádio Falcon III e a um Computador Tático Militar (CTM), permite aos comandantes nos diversos níveis, uma “consciência situacional” da tropa, em tempo real, no cenário em que estão operando.



Figura 11: Computador Tático Militar instalado na VBTP Guarani.
Fonte: www.cibld.eb.mil.br e editada pelo autor.



Figura 12: Imagem do Software GCB.
Fonte: www.cibld.eb.mil.br.

Flexibilidade: por fim, esta característica advém, principalmente, da natureza do material utilizado na fração e da união das demais características anteriores, tudo isso no contexto sistemático das operações da tropa C Mec. No caso do G Exp, o aumento de flexibilidade torna-se mais relevante do que para as demais frações do pelotão, tendo em vista que sua adaptabilidade frente às ameaças inopinadas acaba por ditar o ritmo da manobra e a forma de atuação do restante do Pel C Mec.

Desta forma, o aumento de flexibilidade conferido pela utilização da VBMT – LSR ao pelotão, combinando-se Mobilidade e Ação de Choque (potência de fogo + proteção blindada), proporciona o emprego do Pel C Mec com maior eficácia nas missões síntese da tropa C Mec, principalmente nas Operações de Segurança e atividades de Reconhecimento.

2.4.2 Proposta de organização do G Exp

A implantação da VBMT no G Exp determinará uma adaptação na atual organização por conta da tecnologia embarcada na viatura. A capacitação dos recursos humanos deverá ser alterada. Outros exércitos que operam a LINCE exigem capacitações específicas para os motoristas e chefes de viatura, como restrições ao grau de escolaridade dos militares, seus postos ou graduações, sua categoria de habilitação de motorista civil e a adaptação ao emprego técnico e tático de outras viaturas militares.

Resumidamente, a configuração da fração dividida em duas patrulhas seria mantida, porém o número de

militares na fração poderia ser alterado em virtude da capacidade de transporte de pessoal da viatura.

Cada patrulha teria, em sua primeira viatura, um REMAX com seu cabo atirador; sendo a principal viatura e o principal armamento da patrulha. Na segunda viatura seria mantido o armamento anticarro já previsto, podendo haver, caso necessário, a adaptação de metralhadora. Além disso, nesta viatura seria somado um soldado explorador, aumentando a capacidade de exploração e de combater a pé da patrulha.

O comandante do G Exp e da 1ª patrulha continua sendo um 3º Sargento, de preferência com curso de especialização específico da VBMT – LSR, porém todos os outros chefes de viatura passariam a ser cabos, após terem sido formados nas suas funções de motorista e/ou atirador.

Os cabos motoristas e os atiradores/operadores do REMAX seriam designados para estas funções após qualificação específica, já tendo sido formados anteriormente como soldados exploradores. No caso desses últimos, a formação seria mantida conforme a atual no âmbito da tropa C Mec.

O quadro a seguir exemplifica a proposta da fração, promovendo o mínimo de impacto na organização do Pel C Mec.

Proposta de adaptação do G Exp			
Fração	Composição	Viatura	Armamento
1ª Pa G Exp	3º Sgt Cmt G Exp Cb Atdr (Op REMAX) Sd Exp Cb Exp/ Motr		Uma metralhadora 12,7 mm ou 7,62 mm (REMAX)
	Cb Exp Sd Exp Sd Exp/ Atdr L Gr Cb Exp/ Motr		Um Lança-Granadas ou Lança-Rojão AT-4 (04 unidades)
2ª Pa G Exp	Cb Exp Cb Atdr (Op REMAX) Sd Exp Cb Exp/ Motr		Uma metralhadora 12,7 mm ou 7,62 mm (REMAX)
	Cb Exp Sd Exp Sd Exp/ Atdr L Gr Cb Exp/ Motr		Um Lança-Granadas ou Lança-Rojão AT-4 (04 unidades)

Figura 13: Proposta do “novo” G Exp.
Fonte: autor.

Tais sugestões de mudança se amparam no fato de que a viatura em questão, exige uma capacitação diferenciada dos militares que a operam. À semelhança do que ocorre com a tropa de Carros de Combate, onde somente os militares capacitados e certificados podem operar as viaturas, por conta da tecnologia embarcada do MEM e da complexidade de seus sistemas, a tropa C Mec necessitará, como está fazendo com a VBTP Guarani, desenvolver novos métodos de instrução para seus G Exp.

3. CONCLUSÃO

A concretização dos objetivos propostos nos diversos Programas Estratégicos sinaliza um alinhamento importante do EB com os exércitos dos países desenvolvidos. Nesse cenário multifacetado e complexo do combate moderno, a busca pela modernização de seus meios consoante com a evolução tecnológica mundial, bem como os estudos e experimentações doutrinárias desenvolvidas, elevam o patamar do Exército internacionalmente, expressando o profissionalismo e o preparo de seus recursos humanos.

Essa evolução reflete diretamente na capacidade de dissuasão e na projeção do poder de combate do EB. Neste ínterim, o Programa Guarani não é exceção. Uma das fases mais importantes deste programa certamente, é o advento da VBMT – LSR. Essa viatura elevará sobremaneira as capacidades de qualquer tropa a qual for empregada, garantindo segurança, fugacidade, robustez e tecnologia embarcada ao material humano empregado nos diversos tipos de operações.

Especificamente para a tropa C Mec e seu G Exp, a VBMT – LSR proporcionará, principalmente, o aumento da capacidade de sobrevivência e observação dessa fração. De tal sorte que, atualmente, a ausência de blindagem no G Exp é uma das principais limitações do Pel C Mec nas operações, diminuindo a impulsão de movimento e prejudicando a continuidade das ações.

Desta forma, com a implantação da VBMT – LSR em conjunto com a VBTP – MSR 6x6 Guarani, a tropa C Mec encontra-se inserida num contexto de modernidade e de evolução tecnológica singulares no âmbito do EB. Tudo isso, além da elevação do moral provocada na tropa, culmina com a possibilidade de se atingir, no espectro das operações, um nível de eficiência desconhecido, até então, no seio da tropa C Mec. 🐾

Cap DEMUTTI: Capitão de Cavalaria de turma de 2009 da AMAN. Foi instrutor no CI Bld. Mestre em Operações Militares pela EsAO. Atualmente serve no 4º RCB.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Exército. COTER. **CI 2-36_1**: O Pelotão de Cavalaria Mecanizado. 1. ed. Brasília, DF, 2006.

_____. Exército. Estado Maior. **C 2-1**: O Emprego da Cavalaria. 2. ed. Brasília, DF, 1999.

_____. Exército. Estado Maior. **C 2-20**: O Regimento de Cavalaria Mecanizada. 2. ed. Brasília, DF, 2002.

CI Bld, Centro de Instrução de Blindados. Disponível em <<http://www.cibld.eb.mil.br>>. Acessado em 08 de maio de 2020.

DOU (Diário Oficial da União), de 16 fev 2018, Decreto n. 9.288. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Decreto/D9288.htm>. Acessado em 12 de maio de 2020.

END, Estratégia Nacional de Defesa. Disponível em <<https://www.defesa.gov.br/estado-e-defesa/estrategia-nacional-de-defesa>>. Acessado em 11 de maio de 2020.

EME, Estado Maior do Exército, PEE Guarani. Disponível em <<http://www.eme.eb.mil.br/index.php/busca?searchword=PEE%20Guarani&searchphrase=all>>. Acessado em 19 de maio de 2020.

LINCE Mk2. Lince no Brasil. **Tecnologia e Defesa**. Disponível em <<https://tecnodefesa.com.br/batismo-de-fogo-primeiro-registro-do-lince-mk2-atuando-pelo-gif-blindados/>>. Acessado em 19 de maio de 2020.

LINCE. O LMV em detalhes. **Forças Terrestres**. Partes 1 a 7. Disponível em <<https://www.forte.jor.br/2019/10/18/o-lmv-em-detalhes-parte-final/>>. Acessado em 27 de maio de 2020.

REMAX na VBMT – LSR 4x4. **Forças Terrestres**. Disponível em <<https://www.forte.jor.br/2020/05/06/exercito-brasileiro-testa-sistema-de-armas-remax-na-vbmt-lsr-4x4/>>. Acessado em 02 de junho de 2020.

STANAG 4569, Standardization Agreements. Disponível em <<http://nso.nato.int/nso/nsdd/listpromulg.html>>. Acessado em 18 de maio de 2020.

TORRE PLATT. Disponível em <<https://www.infodefesa.com/latam/2016/05/10/noticia-exercito-brasileiro-testa-estacao-armamento-plasan.html>>. Acessado em 26 de maio de 2020.

TORRE REMAX. Disponível em <<http://www.ares.ind.br/new/pt/sistemas-terrestres/remax.php>>. Acessado em 26 de maio de 2020.

PEIXOTO, Coronel (Exército Brasileiro) Ricardo Augusto do Amaral. A viatura tática leve multitarefa no Exército Brasileiro e seu emprego nas operações militares contemporâneas. **Revista Exército Brasileiro**, Rio de Janeiro – RJ, v. 155 n. 3, p. 42-59, 2019.